

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Tanise Viero

**LEITURA E PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POR CRIANÇAS
EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Porto Alegre

2. Semestre

2012

Tanise Viero

**LEITURA E PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POR CRIANÇAS
EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen

Porto Alegre

2. Semestre

2012

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que estiveram comigo nessa caminhada, me apoiando e contribuindo para que eu chegasse até aqui. Agradeço em especial...

... aos meus pais, Tarquinio e Liani, pela presença constante em minha vida, me dando sempre todo o tipo de apoio, carinho e segurança que foram muito importantes para que eu fizesse as escolhas que fiz.

... ao amor da minha vida, Marcelo, por alegrar todos os meus dias. Obrigada, amor, por todo o grande apoio que me deste durante todo o curso de Pedagogia e por acreditar em mim sempre;

... ao meu filho, Antônio, cuja presença em minha vida me enche de felicidade todos os dias e é minha grande inspiração para realizar coisas boas e belas;

... aos meus irmãos Cristiane e Sandro, por estarem ao meu lado em todos os momentos importantes da minha vida; mana Cris e querida afilhada Melina, obrigada pela presença e apoio durante a escrita deste trabalho;

... à professora doutora Maria Isabel Habckost Dalla Zen, por me orientar com dedicação e comprometimento, tanto no estágio de docência, como neste trabalho; também por todo o carinho demonstrado nos momentos mais difíceis;

... aos meus alunos, que tanto me ensinaram e me ensinam todos os dias, contribuindo imensamente para minha formação como professora/pesquisadora.

Dedico este trabalho a minha mãe, Liani Elisabetha Viero, cujas palavras de admiração e orgulho pela minha escolha profissional me acompanham e me dão forças para seguir adiante. Obrigada, mãe, pelo incentivo e pela dedicação a mim durante toda tua vida. Tua presença ao meu lado durante a maior parte do curso foi fundamental para que eu chegasse até aqui; hoje te levo comigo no coração. As lembranças dos momentos que vivemos juntas me trazem imensa felicidade... as levarei comigo para sempre, aonde quer que eu vá.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema central o gênero textual Histórias em Quadrinhos. Apresenta uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, e foi realizada com uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre–RS. Inspira-se em uma experiência com práticas de leitura em sala de aula durante o estágio de docência do Curso de Pedagogia da UFRGS, realizado em 2012/1. Objetiva analisar os conhecimentos dos alunos acerca do gênero textual citado, assim como busca identificar suas marcas nas produções escritas, após exploração de Histórias em Quadrinhos com o grupo referido. Como instrumentos metodológicos, vale-se da análise das gravações de voz, de produções do tipo interpretação de texto e escrita de história (HQ) em três sessões de trabalho. Inscreve-se no campo da Linguagem e aborda a leitura textual e imagética. Apoiar-se, portanto, em teóricos situados nesse campo de estudo. Os dados analisados sinalizam que as Histórias em Quadrinhos funcionam como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização e formação do leitor, uma vez que se podem perceber, através das interações orais, habilidades de leitura de texto e de imagem, evidenciando capacidade de inferência e incorporação de elementos constitutivos desse gênero de texto - marcas de humor. Destaca ainda que esses elementos também estão presentes nas produções textuais, nas quais os textos verbal e não verbal se articulam.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Práticas de leitura e escrita. Inferência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Balão de fala	13
Figura 2: Balão de pensamento	13
Figura 3: Balão uníssono	14
Figura 4: Balão de cochicho	14
Figura 5: Balão de grito	14
Figura 6: Balão pontiagudo indicando som proveniente de telefone.....	15
Figura 7: Legenda fornecendo informação importante sobre a sequência da história.....	15
Figura 8: Onomatopeia dentro de balão expressando sensação de frio ou de medo.....	16
Figura 9: As expressões corporais podem invocar uma nuance de emoção e dar inflexão audível à voz do falante.....	17
Figura 10: Exemplo de tirinha humorística	18
Figura 11: Exemplo de tirinha com humor proveniente do duplo sentido de uma palavra.....	19
Figura 12 - Proposta 1: J. (menina).....	36
Figura 13 - Proposta 1: G. (menino).....	36
Figura 14 – Proposta 1: A. (menina).....	36
Figura 15 – Proposta 1: J. (menino).....	36
Figura 16 – Proposta 1: A. (menina)	37
Figura 17 – Proposta 1: R. (menino).....	37
Figura 18 – Proposta 1: R. (menino).....	37
Figura 19 – Proposta 1: F. (menino).....	37
Figura 20 – Proposta 1: A. (menina).....	37
Figura 21 – Proposta 1: M. (menino).....	37
Figura 22 – Proposta 2: J. (menina).....	38
Figura 23 – Proposta 2: A. (menina).....	38
Figura 24 – Proposta 2: A. (menina).....	39
Figura 25 – Proposta 1: M. (menino).....	39
Figura 26 – Proposta 1: G. (menina).....	39
Figura 27 – Proposta 2: G. (menino).....	40
Figura 28 – Proposta 1: M. (menino).....	40
Figura 29 – Proposta 1: G. (menina).....	40
Figura 30 – Proposta 1: F. (menino).....	41

Figura 31 – Proposta 1: G. (menino).....	41
Figura 32 – Proposta 2: B. (menina).....	41
Figura 33 – Proposta 2: G. (menino).....	41
Figura 34 – Proposta 2: A. (menina).....	42
Figura 35 – Proposta 1: A. (menina).....	43
Figura 36 – Proposta 2: D. (menina).....	43
Figura 37 – Proposta 2: F. (menino).....	44
Figura 38 – Proposta 2: J. (menina).....	45
Figura 39 – Proposta 2: B. (menina).....	45
Figura 40 – Proposta 2: G. (menino).....	46
Figura 41 – Proposta 2: G. (menino).....	46
Figura 42 – Proposta 2: M. (menino).....	47
Figura 43 – Proposta 2: P. (menina).....	48

SUMÁRIO

1 A ESCOLHA DO TEMA.....	09
2 TEORIZAÇÕES: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LEITURA.....	12
2.1 O universo das histórias em quadrinhos e sua linguagem.....	12
2.1.1 Balões.....	13
2.1.2 Legenda.....	15
2.1.3 Onomatopeia.....	16
2.1.4 As expressões: corporais e fisionômicas.....	16
2.1.5 O humor nas HQs.....	17
2.2 Leitura.....	20
3METODOLOGIAS.....	23
3.1 Explorando o universo das HQs.....	25
3.1.1 Sessão 1: uma conversa sobre as HQs e suas características.....	25
3.1.2 Sessão 2: a interpretação de HQs.....	27
3.1.3 Sessão 3: a produção textual de HQs pelas crianças.....	27
4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA – INDÍCIOS DE COMPETÊNCIA LEITORA.....	29
4.1 Vamos ler juntos uma história em quadrinhos? – explorando oralmente as HQs.....	29
4.2 Onde acontece o humor? – a interpretação das histórias em quadrinhos.....	33
4.3 As crianças como autoras – a apropriação dos elementos das HQs pelas crianças.....	35
5 IMPLICAÇÕES DOS “ACHADOS” DO ESTUDO.....	49
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	52
APÊNDICE A – Proposta para o Encontro 1 – Sessão de leitura de HQ.....	52
APÊNDICE B – Folha com a HQ da sessão 1.....	53
APÊNDICE C – Proposta para o Encontro 2 – Sessão de leitura e interpretação de HQ.....	54
APÊNDICE D – Folhas com as HQs e as atividades de interpretação.....	55
APÊNDICE E – Proposta para o Encontro 3 – Produções textuais de HQs.....	57
APÊNDICE F – Folha com a proposta de escrita de HQ a partir de imagens.....	58
ANEXOS.....	59
ANEXO A – Termo de Consentimento Informado enviado aos responsáveis pelos alunos.....	59
ANEXO B – Termo de Consentimento Informado enviado à Instituição de Ensino.....	60

1 A ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema central deste trabalho foi resultado das reflexões feitas durante minha experiência de estágio curricular, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o qual foi realizado no primeiro semestre de 2012, em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Rede Estadual de Porto Alegre. A partir de observações, da realização de atividades em minha prática pedagógica e do exame atento dos registros em diário de classe, feitos durante o estágio, interessei-me avidamente por pesquisar o tema, cujo foco é o trabalho com HQs¹ em sala de aula, com crianças em processo de alfabetização.

A leitura em sala de aula sempre foi algo que me interessou muito, por ser um tipo de atividade com diferentes possibilidades de enfoque: por exemplo, a leitura de um texto informativo silenciosamente ou em voz alta com um grupo possibilita explorar conhecimentos acerca de um assunto específico; já ler livros ou gibis em sala de aula estimula o gosto pela leitura, através do acesso a portadores de texto que são de interesse das crianças, e que contribuem para o enriquecimento desses leitores, sejam eles mais iniciantes, ou já possuidores de fluência.

Propiciar um ambiente que possibilite o acesso à leitura, através de diferentes gêneros textuais, onde a criança possa compreender os diferentes usos sociais para tais gêneros é, em minha opinião, uma importante e imprescindível tarefa da escola.

Em minha experiência como professora de língua inglesa, tenho, nos últimos anos, proposto aos meus alunos a leitura de livros e revistas em sala de aula, e me percebi fascinada pela expressiva aceitação e prazer que as crianças demonstram em ter uma rotina de leitura semanal na escola. Através de suas falas, quando discutimos a leitura, é possível perceber que elas compreendem a importância desse hábito que estão adquirindo no processo de aprendizagem da língua. Este trabalho de leitura que venho realizando vai ao encontro do que descobri no período de observações.

Referindo-me novamente ao estágio curricular, a presença de gibis na sala de aula chamou muito minha atenção, pois percebi uma afeição significativa por parte das crianças em manuseá-los e fazer a leitura dos mesmos. Era comum ver as crianças lendo entre uma tarefa e outra propostas pela professora da turma. Muitas crianças traziam seus gibis de casa e também era possível encontrar muitas revistinhas na *gibiteca* que havia no fundo da sala de aula, onde

¹ Ao longo do trabalho será usado HQs para referir histórias em quadrinhos.

os gibis dividiam espaço com os livros e eram dispostos em duas caixas de papelão abertas, o que facilitava a organização e facilitava o acesso. Prontamente pensei em como dar continuidade àquela rotina de leitura e também em como eu poderia explorar ainda mais a leitura de HQs na minha prática pedagógica.

Fazia parte de meus planejamentos semanais a inclusão de um banco de atividades, cujo objetivo era contemplar os diferentes níveis de escrita e de leitura nos quais as crianças se encontravam. Havia atividades de escrita de palavras, desafios matemáticos e também diferentes suportes de leitura, como pequenos textos e reportagens extraídos de jornais e revistas e também gibis. Com relação aos a esses últimos, era interessante perceber que todas as crianças interessavam-se em lê-los, independentemente dos níveis de leitura, ou seja, mesmo aquelas crianças que ainda estavam em estágios mais iniciais do processo de aquisição de leitura e escrita acessavam os gibis e faziam a leitura das histórias, associando palavras e imagens, fazendo inferências a partir das sequências das imagens nos quadrinhos e, muitas vezes, pedindo para um colega fazer a leitura em voz alta, buscando confirmar suas hipóteses previamente levantadas.

Acho importante destacar que, muitas vezes, ao propor a leitura de livros, algumas crianças diziam não conseguir ler ainda, entretanto, diziam saber ler HQs, pois como justificavam, as histórias podiam ser compreendidas, mesmo se não fosse possível fazer a leitura de todas as palavras. A partir disso, pensei na importância das HQs como ferramenta pedagógica nas práticas de leitura para leitores iniciantes.

Penso que o tema desta pesquisa seja relevante, pois, como explicito no capítulo referente às características das HQs, esse tipo de texto, que acompanha imagens para narrar uma história, desperta o interesse das crianças, estando elas em qualquer nível de leitura; também por ser a leitura de gibis um momento descontraído, de leitura fruição, sem que haja, necessariamente, atividades programadas pelo professor e por proporcionarem, em sala de aula, o acesso à língua escrita, servindo de estímulo ao desejo de aprender a ler. Também, por serem as HQs um gênero textual que circula em outras esferas sociais, bem como em outros suportes - nas salas de espera, em jornais, revistas e na família, por exemplo, o que faz com que, muitas vezes, as crianças já estejam familiarizadas com as mesmas.

A partir desse tipo de leitura, refleti sobre como propor sua inserção em minhas práticas pedagógicas de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental através de sessões de leitura e de produção textual.

Objetivo, através deste trabalho, analisar como esse gênero e suporte (Histórias em quadrinhos e gibis) podem funcionar como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização e na formação do leitor; investigar também a capacidade de inferenciação de crianças da turma em questão, cujos alunos estão, portanto, em processo de alfabetização, dando ênfase às negociações de sentido referentes aos detalhes e às marcas de humor. Além disso, perceber nas produções textuais das crianças, elementos que constituem esse gênero em que os textos verbal e não verbal se articulam.

2 TEORIZAÇÕES SOBRE: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LEITURA

Neste capítulo, é feita uma abordagem das HQs, explorando sua estrutura a partir das características e função comunicativa que compõem esse gênero textual. Também é apresentada uma síntese do conceito de leitura que embasa este estudo.

2.1 O universo das histórias em quadrinhos e sua linguagem

As histórias em quadrinhos são, como seu nome sugere, histórias contadas em uma sequência de quadros, através de imagens que podem, ou não, vir acompanhadas de texto. Portanto, o leitor deve possuir habilidades tanto para a leitura de textos verbais, quanto não verbais ou visuais, que, conforme Vergueiro (2006), reforçam um ao outro, para que a mensagem possa ser entendida em plenitude.

No Brasil, segundo Iannone e Iannone (2002), a denominação para essa forma de arte que prevalece até hoje é “gibi”, termo do folclore gaúcho correspondente a “neguinho” ou “moleque”, e foi também o título de uma das primeiras revistas do gênero publicadas no país. Já nos Estados Unidos ela é denominada *comic*, que quer dizer cômico ou humorístico, devido ao fato de as primeiras histórias possuírem conteúdo cômico; na Espanha, são denominadas *tubeos*, nome que se refere à primeira revista infantil surgida no país, *T.B.O.*; na França chamam-se *bandes dessinées* ou *bandes*, “tiras”; na Itália, são chamadas de *fumetti*, “fumacinha”, referindo-se ao balão, que é o formato utilizado para revelar os pensamentos; por fim, no Japão as HQs são chamadas de *mangás*.

As HQs possuem características específicas que constituem uma linguagem própria, onde diversos elementos combinam-se para formar este tipo de linguagem e é necessário que o leitor conheça tais características para que possa, através da leitura das mesmas em conjunto, compreender as histórias contadas nas HQs. Além das imagens e dos textos ou conteúdos, representando as falas ou pensamentos dos personagens, outros elementos importantes constituem a linguagem específica das HQs. A seguir, são apresentados esses elementos:

2.1.1 Balões

É no interior dos balões que estão contidas as falas dos personagens. Este é um elemento muito importante para a compreensão das histórias, já que, normalmente, tudo o que o personagem diz em linguagem verbal está contido ali. Também é possível que haja, no interior de alguns balões, imagens representando pensamentos ou sonhos.

Diferentes tipos de linhas representam os tipos de falas contidas nos balões. Segundo Iannone e Iannone (2002) eles podem ser classificados em:

Balão-fala tradicional: apresenta todo o contorno, inclusive o rabicho, em linha contínua.



Figura 1: Balão de fala.

Fonte: Iannone e Iannone, 2002, p. 73.

Balão-pensamento: sua característica principal é o rabicho em forma de pequenas bolhas.



Figura 2: Balão de pensamento.

Fonte: Iannone e Iannone, 2002, p. 73.

Balão uníssono: possui mais de um rabicho, indicando que várias pessoas estão falando ou pensando a mesma coisa.



Figura 3: Balão uníssono.

Fonte: Iannone e Iannone, 2002, p. 73.

Balão-cochicho ou sussurro: possui as linhas do contorno pontilhadas, indicando que o personagem está falando baixinho ou segredando algo.



Figura 4: Balão de cochicho.

Fonte: Iannone e Iannone, 2002, p. 73.

Balão-grito ou berro ou explosão: possui o contorno irregular ou tremido; traduz irritação, grito, expressão de espanto ou horror. Segundo esses autores, podem também transmitir sons de aparelhos radiofônicos ou telefônicos ou ainda ruídos fortes. Já para Eisner (2010) o balão que indica som ou fala proveniente de um rádio, telefone, televisão ou qualquer aparelho, possui os contornos pontiagudos.



Figura 5: Balão de grito.

Fonte: Iannone e Iannone, 2002, p. 73.



Figura 6: Balão pontiagudo, indicando som proveniente de telefone.

Fonte: Eisner, 2010, p. 34.

2.1.2 Legenda

Outro elemento importante para a narrativa é a legenda, que corresponde ao narrador contando a história. Iannone e Iannone (2002) definem as funções mais comuns da legenda como sendo relacionadas à introdução ou ao início da mesma e com a sequência ou ligação entre os quadros.



Figura 7: Legenda fornecendo informação importante sobre a sequência da história.

Fonte: Eisner, 2010, p. 86.

2.1.3 Onomatopeia

A onomatopeia é outro recurso utilizado para representar um som sendo emitido. Segundo Iannone e Iannone “Na maioria dos casos, ela surge associada a alguma figura ou situação determinada, facilitando ou induzindo sua interpretação.” (2002, p. 74). Segundo os autores, muitas vezes uma mesma onomatopeia representa mais de um tipo de ruído, como, por exemplo, “Trrriim”, que pode representar o toque de uma campainha, telefone ou ainda um despertador. As onomatopeias podem tanto aparecer no quadrinho através da palavra, geralmente escrita em negrito, quando dentro de um balão.



Figura 8: Onomatopeia dentro de balão expressando sensação de frio ou de medo.

Fonte: Iannone e Iannone, 2002, p. 73.

2.1.4 As expressões: corporais e fisionômicas

A linguagem corporal expressa nas ilustrações das HQs é uma importante ferramenta que o leitor utiliza para ler as histórias. Muitas vezes, alguns quadrinhos são compostos apenas por imagens, não contendo qualquer tipo de linguagem verbal e, portanto, a interpretação e compreensão da história dependem apenas da leitura das imagens, ou seja, da linguagem não verbal.

Para Eisner (2010), a postura corporal e o gesto têm primazia sobre o texto. Segundo o autor, “A maneira como são empregadas essas imagens modifica e define o significado que se pretende dar às palavras.” (2010, p. 106)

A figura 9 exemplifica esta afirmação: para a mesma frase, as diferentes expressões anatômicas anunciam diferentes intensidades para a fala do personagem.

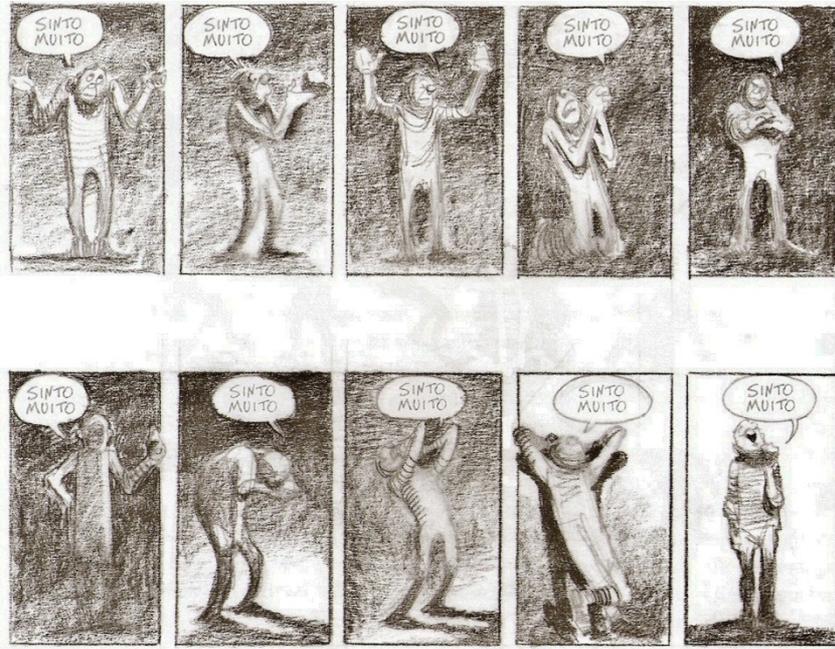


Figura 9: As expressões corporais podem invocar uma nuance de emoção e dar inflexão audível à voz do falante.

Fonte: Eisner, 2010, p. 106.

Também as expressões faciais dizem muito sobre os sentimentos dos personagens que o autor deseja transmitir e podem ser lidas através dos movimentos dos olhos, da boca, das sobrancelhas entre outras partes do rosto.

A combinação da postura corporal e da expressão facial é de grande importância e, segundo Eisner (2010), quando executada habilmente, dispensa cenários desnecessários para sustentar a narrativa. O autor, discorrendo sobre complexidade da tarefa de combinar expressão corporal com palavras, complementa:

O uso da anatomia expressiva na ausência de palavras é menos trabalhoso porque o espaço para a arte é mais amplo. Nos casos em que as palavras têm uma profundidade de significado e nuance, a tarefa é mais difícil.

2.1.5 O humor nas HQs

Quando lemos uma HQ, as inferências feitas pelo leitor e as hipóteses por ele levantadas, geralmente se mantêm até o desfecho da história. No caso das HQs humorísticas,

ao chegarmos ao último quadrinho, algo inesperado acontece, e nossas hipóteses levantadas não se confirmam, causando surpresa ao leitor e, portanto, provocando o riso. Esse desfecho inesperado e engraçado é que constitui o humor característico desse gênero textual: nossas expectativas alimentadas ao longo da leitura são contrariadas no final da narrativa, surpreendendo-nos. A figura 10 é um exemplo de tirinha onde o humor acontece no último quadrinho. É interessante destacar que, neste caso, não há diálogos na tirinha, apenas elementos visuais e que, portanto, a leitura imagética é fundamental para que se compreenda a história.



Figura 10: Exemplo de tirinha humorística. TIRA: 14

Fonte: <http://www.monica.com.br/index.htm>

No decorrer das vinhetas, o Cascão demonstra sentir muita dor e o Cebolinha, ao sair correndo, leva o leitor a inferir que ele irá buscar algum tipo de ajuda para o amigo, e realmente é o que acontece, confirma-se a hipótese de que ele buscou uma maleta de primeiros socorros, quando, no último quadrinho, uma informação inesperada conduz a narrativa por um caminho diferente daquele que seria percorrido em uma situação semelhante: o leitor surpreende-se ao perceber que o Cebolinha utiliza a fita (esparadrapo) para fechar a boca do Cascão, de modo que ele pare de gritar, o que produz o humor, já que o esperado era que ele fizesse um curativo no machucado do amigo.

Muitas vezes a piada está no jogo de palavras e no duplo sentido que elas podem possuir, ou, como explica Possenti (2010, p. 72), “É muito comum que uma piada ponha em questão mais de um aspecto do funcionamento de uma língua”. É necessário, portanto, que o leitor tenha conhecimento desses aspectos, para que possa compreender o humor por eles produzido. Cafiero (2010, p. 93), ao abordar a natureza das estratégias de leitura, afirma que esse tipo de habilidade do leitor, como a capacidade de perceber o humor, dá-se ao longo do

desenvolvimento e aprimoramento de tais habilidades, sendo mais complexa do que as de localizar, identificar e apontar, construídas no início do processo. Segundo a autora:

O desenvolvimento de outras capacidades como as de inferir, estabelecer relações de causa, consequência, finalidade, compreender globalmente, perceber uma crítica expressa, perceber a força argumentativa do uso de determinados recursos linguísticos, perceber ironia ou humor, por exemplo, tende a ser mais complexo e demorado.

A figura 11 mostra uma tirinha onde o humor é consequência do duplo sentido de uma palavra (cabeça); o sentido usual da expressão “cabeças de gado” é “o número de animais criado em um espaço” e no caso da tirinha, além desse significado, se explora o sentido da palavra “cabeça” como “a parte do corpo do animal”.



Figura 11: Exemplo de tirinha com humor proveniente do duplo sentido de uma palavra. TIRA: 309

Fonte: <http://www.monica.com.br/index.htm>

Acredito que essa habilidade metalinguística, ou seja, as reflexões sobre a linguagem, nesse caso a análise semântica do significado de palavras e frases em contexto, constituam uma característica importante no processo de aquisição da leitura e, portanto, devem ser consideradas e incluídas pelo professor nos planejamentos pedagógicos relacionados às práticas de leitura. Como já citei anteriormente, ler é um processo complexo que se desenvolve continuamente, através de etapas envolvendo diferentes habilidades de leitura.

Cada vez mais as HQs vêm ganhando espaço e respeito, principalmente nas escolas, mas elas já foram vistas como prejudiciais ao aprendizado, apontando para a ideia de causadoras de preguiça mental, por serem cheias de imagens e com pouco texto.

Atualmente, a Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais preconizam que elas sejam utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa, como acontece também em outros países; também, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) vem incluindo obras desse gênero textual nos acervos distribuídos para as escolas públicas de todo o país. As HQs são hoje percebidas não apenas como uma leitura para a diversão, mas como ferramentas que trazem em si temas e aspectos culturais informativos importantes a serem abordados na sala de aula, como, por exemplo, a inclusão das diferenças.

Durante a prática de estágio, um exemplo de proposta realizada em meu projeto com as crianças, cujo foco era a variação linguística, foi uma atividade que abordava a variação dialetal regional, através de uma história do personagem Chico Bento, do autor Maurício de Sousa. A partir da leitura e da exploração das falas do personagem, foi possível propiciar às crianças a reflexão a respeito das variações linguísticas no plano fonético, bem como possibilitar que elas pudessem perceber que a língua não é *uma só* e que não é usada sempre da mesma maneira em qualquer situação de comunicação.

Ainda me referindo ao autor citado, sem dúvida um dos mais populares e preferidos das crianças, tanto na escola, quanto em outros espaços, ao buscar suas histórias para trabalhar em sala de aula, o educador pode perceber que, como aponta Rezende e Silvério (2012), o interesse e envolvimento do autor com a sociedade são notórios e estão presentes nas histórias que compõem seus gibis, de maneira que ele produz arte com assuntos do cotidiano. A presença de personagens portadores de diferentes tipos de necessidades especiais nas histórias sugere a inclusão social, sendo, portanto, um material rico que pode possibilitar discussões acerca das diferenças (entre outros) com as crianças, através de um gênero textual atraente, do interesse delas. Sobre esses personagens comentam Rezende e Silvério (2012, p. 264):

Nessas histórias, as crianças participantes do enredo são acolhedoras e aceitam a interação com amigos portadores de limitação física de forma natural, tal como deve acontecer na sociedade, a começar pelo contexto escolar, no qual a criança precisa de plena interação para o seu desenvolvimento.

2.2 Leitura

A leitura é uma atividade que possui grande complexidade; muito além do ato mecânico de decodificar palavras, ler é atribuir significados. Assim sendo, é preciso

considerar que diferentes tipos de leituras são possíveis e não apenas aquela que só envolve sinais linguísticos.

Para Goodman (1990), o sentido que o leitor busca no texto é alcançado através da utilização de estratégias e isso só é possível se os leitores principiantes fizerem a leitura de textos significativos e interessantes para eles. As estratégias desenvolvidas pelo leitor, segundo o autor, podem ser classificadas em:

Seleção – o leitor deve selecionar somente os índices mais úteis, dentre os índices redundantes que aparecem no texto, descartando a informação desnecessária, inútil ou irrelevante.

Predição – os leitores antecipam o texto; utilizando todo seu conhecimento disponível para prever o que virá no texto e qual será seu significado.

Inferência – o leitor complementa as informações disponíveis no texto, inferindo o que não está explícito. Também inferem coisas que se farão explícitas mais adiante.

Confirmação – através desta estratégia o leitor confirma ou rejeita suas previsões prévias. É através do processo de autocontrole pelo uso de estratégias e de confirmação, que o leitor demonstra preocupação com a compreensão do texto.

Autocorreção – através da estratégia de autocorreção os leitores reconsideram a informação que possuem ou ainda buscam mais informação caso não possam confirmar suas expectativas.

Através da utilização dessas estratégias o leitor busca significado, que é o verdadeiro objetivo da leitura. Para Goodman (1990), o significado é constantemente reconstruído, conforme acomodamos nova informação e adaptamos nosso sentido de significado.

A verificação da capacidade de inferenciação, através do uso da estratégia de inferência, foi um dos objetivos desta pesquisa e, portanto, foram desenvolvidas atividades com foco nesse objetivo, as quais estão explicadas nas etapas da metodologia do trabalho.

Cafiero (2010) ressalta que ao atribuir sentidos e, portanto, compreender o texto como um todo, o leitor torna-se capaz de refletir sobre o mesmo, de criticá-lo, sabendo como utilizá-lo em sua vida.

Com a finalidade de formar leitores competentes e críticos, objetivo tão referido nos planos de estudos escolares, é necessário que o professor possua uma visão ampla no que diz respeito ao ato de ler e considere esses aspectos, que são imprescindíveis, em seu fazer pedagógico.

Um texto pode possuir mais de um tipo de recurso de leitura, como é o caso das HQs, onde palavra e imagem se articulam complementando-se e possibilitando que o leitor transite de um recurso ao outro, sendo capaz de construir sentidos para história que lê. É possível que esta seja a razão do sucesso das HQs entre as crianças: o papel sedutor que a imagem possui, a existência de um recurso que se apoia no texto e vice-versa, sendo um tipo de linguagem que conta a história através de uma ferramenta artística. Sobre o papel sedutor da ilustração nas produções voltadas para as crianças, Ramos e Panozzo (2012, p. 36) destacam que:

[...] seu desempenho vai além da sedução, do encanto, porque ela também diz e imprime materialidade à palavra, tornando-a mais acessível ao leitor, ou seja, atuando como elemento mediador na apropriação do simbólico e também provocando o leitor a ampliar as redes semânticas postas pela palavra.

No âmbito escolar é possível perceber que a leitura está fortemente relacionada à palavra e que assim os materiais selecionados pelos professores para as aulas que envolvem leitura são, frequentemente, pobres, sendo, na maioria das vezes, longos textos retirados de jornais ou revistas, ou ainda, apenas aqueles que se encontram nos livros didáticos. Com relação a esta hegemonia da palavra, Ramos e Panozzo (2012), baseadas nas pesquisas que realizam nas escolas, constataram que a imagem, de fato, nem sempre é incluída como aspecto que integra a leitura. As autoras explicam que uma hipótese para tal fato seja a mencionada tradição hegemônica da palavra, aliada às falhas presentes na formação em artes visuais para a leitura de imagens.

Martins (2003, p.30) define leitura como sendo:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano.

Deste modo, é importante considerar, ao se pensar em práticas de leitura com crianças, além das competências textuais, as imagéticas.

3 METODOLOGIAS

Neste capítulo são apresentadas as estratégias metodológicas de investigação que caracterizaram a presente pesquisa, dando uma ideia do caminho percorrido, explicitando como se encaminhou a proposta e como foram realizadas as sessões de leitura e de escrita com o grupo de crianças.

Como citei anteriormente no Capítulo I deste trabalho, durante o estágio obrigatório em 2012/1, o interesse das crianças pela leitura de HQs em sala de aula me instigou a realizar a pesquisa que viria a compor este trabalho de conclusão de curso. Com o objetivo de pesquisar como o gênero textual em questão poderia contribuir para a formação do leitor iniciante, bem como servir de ferramenta pedagógica no processo de alfabetização, voltei à escola onde havia realizado o estágio, e, na mesma turma de segundo ano, foram realizadas sessões de leitura e de produção textual, as quais serão detalhadamente explicitadas mais adiante no capítulo.

A investigação está aportada em uma abordagem qualitativa, que, conforme Lüdke e André (1986) se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. A pesquisa é do tipo estudo de caso, tendo sido realizada em apenas uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS. A turma em questão era formada por dezoito crianças, todas tendo sido autorizadas pelos responsáveis a participarem da mesma. Ao descrever o estudo de caso em Educação, Lüdke e André (1986, p. 17), destacam que:

O estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou o do ensino noturno. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.

Tendo sido feita a escolha do tema, o passo seguinte foi a pesquisa de um referencial teórico inicial a partir do qual eu pudesse embasar meu trabalho, bem como aprofundar conhecimentos. O referencial teórico pode, segundo Lüdke e André (1986), servir de esqueleto, sendo a estrutura básica a partir da qual se pode, na medida em que o estudo avança, detectar novos aspectos, bem como novos elementos ou dimensões podem ser

agregadas. Neste caso, precisei saber mais sobre leitura de HQs para formular questões, planejar práticas de leitura, bem como analisá-las.

Decorrente do que foi exposto, outro momento importante que deve ser destacado refere-se à elaboração das propostas de trabalho com a turma de segundo ano. Nessa etapa inicial da pesquisa, foi preciso que eu traçasse um caminho através de questões investigativas para as quais eu deveria buscar respostas ao longo do trabalho. Elaborei, então, uma proposta de sessões de leitura e de escrita com as crianças, que foram avaliadas pela minha orientadora e, através da troca de ideias entre nós e das sugestões por ela feitas, pude, com segurança, estruturar a pesquisa de campo.

A proposta se dividiu em três encontros ou sessões, como as denominei durante a pesquisa. Os dois primeiros momentos tinham o objetivo de abordar duas histórias em quadrinhos com as crianças, ou seja, faríamos uma leitura coletiva acompanhada de uma exploração de tirinhas da Turma da Mônica, através de uma discussão em grupo, sobre características das mesmas como textos verbal e não verbal, tipos de letras, balões de fala, onomatopéias, entre outras. Esses dois primeiros encontros foram gravados, pois me interessava analisar as falas das crianças, que traziam suas hipóteses, constatações e inferências, enquanto fazíamos as explorações orais com o grupo; e, para que detalhes importantes nessas falas das crianças não se perdessem, fiz o registro dos encontros com um gravador, o que possibilitou que eu retomasse várias vezes ao material para fazer as análises, de modo que a acuidade do material não fosse perdida. Escolhi, para esses momentos, HQs da turma da Mônica por serem bem conhecidas pelo público infantil, devido à sua ampla circulação promovida pela indústria cultural. Já no terceiro encontro, a proposta foi de escrita de uma história em quadrinhos, cujo objetivo foi possibilitar que as crianças criassem uma HQ, construindo-a com base nos conhecimentos explorados nos encontros anteriores. Para tanto, utilizei uma tirinha da personagem Bruxinha de Eva Furnari.

A seguir, são apresentados os encaminhamentos de cada encontro:

3.1 Explorando o universo das HQs

3.1.1 Sessão 1: uma conversa sobre as HQs e suas características

A primeira sessão de leitura iniciou com uma contextualização das HQs.² Para tanto, apresentei às crianças diferentes suportes onde as HQs podem ser encontradas, como jornal (tirinhas semanais) e gibi. Ainda mencionei que as HQs também podem ser encontradas em sites na Internet, como no site de onde retirei as histórias exploradas nas sessões de leitura.

Em seguida, conversamos sobre o autor das histórias da Turma da Mônica, Maurício de Sousa. Li para eles algumas informações sobre a vida do autor e as crianças contribuíram com conhecimentos que já tinham sobre ele, como por exemplo, o fato de a personagem Mônica ter o nome de sua filha, o que já revela um bom conhecimento contextual relacionado às HQs.

Essa exploração que antecede a leitura é fundamental para que objetivos de leitura sejam criados; é nesse momento, segundo Cafiero (2010), que os bons leitores decidem se vão ou não ler uma obra. A autora ainda acrescenta que:

Para criar objetivos, é importante também fazer perguntas sobre o texto: perguntas a partir do título, das imagens que podem ser visualizadas. Essas perguntas podem ser direcionadas pela observação da organização do texto, se está em tópicos, se tem seções; das legendas que aparecem; das gravuras e desenhos. (p. 97)

O objetivo principal dessa primeira sessão foi realizar uma leitura interpretativa e exploratória das características do gênero textual, através da qual as crianças pudessem fazer predições, levantar hipóteses e discuti-las com os colegas e com a mediadora que, no caso, fui eu. As discussões foram muito ricas, pois há muitos aspectos a serem explorados nas HQs, como já foi mencionado, e acredito que aí está a riqueza desse tipo de leitura, especialmente em sala de aula, através de um bom planejamento feito pelo professor. Além da leitura do texto verbal, a exploração das imagens sustentaram as hipóteses interpretativas das crianças, como são analisadas no próximo capítulo.

Para o primeiro encontro, o material necessário foi um gravador – uma importante ferramenta, já que os dados coletados, nesse primeiro momento, foram apenas as falas das

² As propostas completas de atividades de leitura, interpretação e produção textual realizadas nas três sessões da pesquisa estão nos anexos deste trabalho.

crianças – também uma cópia da HQ número 168, das páginas semanais da Turma da Mônica, que trata *da decisão do coelhinho da Páscoa de trocar de função com o Papai Noel no ano seguinte* e que foi retirada do site <http://www.monica.com.br>. Cada criança recebeu uma cópia, para que pudesse acompanhar a leitura e interpretar (imagem e texto escrito) a HQ individualmente, analisando de perto os detalhes da história que foram discutidos. Por fim, confeccionei cartões contendo os diferentes tipos de balões utilizados nas HQs, para que pudesse mostrá-los às crianças durante as explorações com o grupo.

Quando propus que, primeiramente, falássemos um pouco sobre os personagens da Turma da Mônica, as crianças mostraram grande interesse em fazê-lo, de modo que pude perceber que elas teriam muito a dizer sobre os mesmos. Pedi, então, que citassem os principais personagens e fomos discutindo as características de cada um deles.

A grande familiarização com os personagens pôde ser percebida através das falas das crianças, que apontaram não apenas características físicas, mas também comportamentais e de personalidade, como foi possível constatar nas falas das crianças, que são analisadas mais adiante.

Chamo a atenção para o instrumento metodológico de pesquisa utilizado durante as práticas de leitura: gravação e transcrição das falas significativas das crianças em interação. Esse recurso me permitiu selecionar as informações que estão sendo analisadas, através das várias audições das gravações, como, por exemplo, os conhecimentos (quantidade e variedade) sobre os personagens, demonstrados pelos alunos.

Penso que essa familiarização com os personagens das HQs contribui positivamente para a formação dos leitores iniciantes, pois a leitura torna-se lúdica e prazerosa, permitindo o desenvolvimento do gosto pela leitura, que, uma vez presente, possibilitará o interesse por outros tipos de textos, de gêneros textuais e diferentes portadores.

Através desses primeiros contatos, no caso, com as HQs no processo de alfabetização, possibilita-se que a criança torne-se sujeito ativo do processo, o que vai ao encontro daquilo que Cafiero (2010, p.86) afirma sobre o leitor como sendo um sujeito que atua socialmente, pois a criança “compreende o que está lendo, a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo”: suas aproximações com os quadrinhos por meio dos jornais, das revistas, os quais também circulam fora da escola.

3.1.2 Sessão 2: a interpretação de HQs

O segundo encontro teve como objetivo fazer a leitura de duas HQs, novamente da Turma da Mônica, com as crianças, e propor uma atividade escrita de interpretação textual, para que eu pudesse, através dos dados coletados, analisar se as crianças haviam percebido, nas duas historinhas, características sobre o comportamento dos personagens, bem como sentimentos demonstrados por eles a partir do contexto da história e de pistas como, por exemplo, expressões faciais e corporais. A percepção das marcas de humor foi outro importante aspecto que eu objetivei analisar.

Primeiramente, as crianças fizeram a leitura silenciosa da história e, em seguida, fiz a leitura em voz alta. Enfatizei que não faríamos qualquer comentário antes da realização da atividade de interpretação, mas que poderíamos discutir as características da história posteriormente à realização da mesma. Mesmo assim, encontrei certa dificuldade em controlar as crianças no sentido de não anteciparem suas hipóteses e predições, principalmente porque o encontro anterior foi marcado pela oralidade e pelas ricas discussões com o grupo. Além de uma cópia de cada HQ (números 73 e 78, das páginas semanais da Turma da Mônica, também retiradas do site <http://www.monica.com.br>, as quais tratam sobre *um jogo de futebol da seleção brasileira* e sobre *as comilanças da Magali*, respectivamente.). Cada criança recebeu uma folha contendo 4 questões de interpretação, sendo que a questão 1 foi a respeito da HQ número 73 e as demais, sobre a HQ número 78.

A atividade, que foi entregue para cada criança, foi confeccionada em letras bastão, pois, em uma turma de alfabetização é importante que se considere que possa haver crianças em diferentes níveis de escrita e leitura e que muitas podem estar nos níveis mais iniciais. Portanto, esse é o tipo de letra que não dificulta a leitura para o grupo.

3.1.3 Sessão 3: a produção textual de HQs pelas crianças

Finalmente, o terceiro encontro foi caracterizado pelas produções textuais de HQs pelas crianças. Duas atividades foram propostas: a primeira objetivou propiciar que as crianças produzissem, a partir das imagens de uma HQ, os outros elementos, como os balões com as falas e as onomatopeias. Para isso, o material utilizado foi a história *A bruxinha encantadora e seu secreto admirador*, de Eva Furnari, sendo que cada criança recebeu uma

cópia da mesma. A história, que apresenta apenas imagens, trata de *uma bruxinha que transforma uma galinha em um bule e, ao levantá-lo, encontra um ovo embaixo dele.*

Já na segunda atividade, a produção de uma HQ com todos os elementos, inclusive as imagens, foi proposta para as crianças a partir do seguinte início da história: *Um personagem de HQ veio na minha escola. Foi muito engraçado o que aconteceu!*

4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA – INDÍCIOS DE COMPETÊNCIA LEITORA

Neste capítulo, é feita a análise dos dados coletados durante as sessões de leitura e escrita propostas para a pesquisa. Esta análise construiu-se à luz do referencial teórico que elegi para embasar o trabalho ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa.

Tanto as sessões de leitura, a partir das quais coletei dados de áudio provenientes da gravação das discussões com o grupo, quanto as sessões de escrita de HQs, foram muito ricas, possibilitando análises de muitos aspectos relacionados às HQs e às apropriações de elementos constitutivos das mesmas, que puderam ser observados nas produções textuais das crianças.

4.1 Vamos ler juntos uma história em quadrinhos? – explorando oralmente as HQs

A discussão sobre os personagens da Turma da Mônica, que antecederam a leitura da história selecionada para esse primeiro encontro, além de contextualizar o texto, me forneceu pistas sobre o quanto e o quê as crianças já sabiam a respeito dos principais personagens que aparecem frequentemente nos gibis da Turma da Mônica. As falas transcritas abaixo demonstram que, além das características físicas, as crianças também conhecem bem os personagens por sua personalidade e comportamentos.

A Mônica é gordinha e dentuça! J. (menina)

Ela usa vestido vermelho e tem cabelo preto. A. (menina)

A Mônica bate sempre no Cebolinha. M. (menino)

Porque ele pega o coelhinho dela pra amarrar as orelhas. P. (menina)

Também quando ele chama a Mônica de dentuça. A. (menina)

O Cebolinha fala tudo errado. Ele fala *Malgalidas*, em vez de Margaridas. J. (menino)

A Magali gosta de comer muito! D. (menina)

O Cascão não toma banho e tem cabelo preto. G. (menina)

Profe, eu sei que ele tem um bichinho de estimação, que é um porquinho. F. (menino)

Penso que esses conhecimentos prévios, além de despertar nas crianças preferências por um ou outro personagem, contribuindo para o gosto pela leitura e a seleção dos gibis, são fatores decisivos para a compreensão das histórias, pois servem como ferramentas que as crianças utilizam para fazer inferências, levantar hipóteses e justificar as mesmas.

Após realizar a leitura em voz alta para a turma, iniciamos as discussões sobre a história, onde a Magali corre atrás do coelhinho da páscoa para pegar seus doces e o coelhinho, após passar por maus momentos fugindo dela, propõe ao Papai Noel trocarem de função no ano seguinte. Então, questionei as crianças por que a história era engraçada e elas justificaram com as seguintes falas:

Eu achei engraçado a parte que a Magali corre atrás dele. G. (menina)

Eu achei engraçado o final quando o coelhinho fala com o Papai Noel. A graça tá sempre no final.
A. (menina)

Durante a exploração sobre elementos das HQs, uma aluna fez a seguinte constatação a respeito dos balões:

O coelho tá falando baixinho porque tá pontilhado! G. (menina)

Mesmo antes de explorarmos os tipos de balões, essa menina já mostrou um conhecimento importante sobre eles: o balão com borda pontilhada indica sussurro. Em seguida, dois alunos complementaram:

Depois o coelho grita: Achei! E tá escrito com dois pontos de exclamação. A. (menina)

Ele tá gritando porque o balão está em forma de nuvem. G. (menino)

Essas falas mostram que as crianças foram capazes de identificar mais dois elementos, que, no caso, indicam grito: o balão grito, com a borda irregular, ou como o menino definiu

“em forma de nuvem” e a pontuação, que foi identificada pela menina: os dois pontos de exclamação dão ênfase à fala do coelhinho na história.

Em seguida, anexei os cartões no quadro verde com os diferentes tipos de balões e questionei as crianças sobre cada um deles. Os comentários foram os seguintes:

- **Sobre o balão pensamento:**

Esse balão é quando a pessoa tá pensando. M. (menino)

É quando tá sonhando com ovelhinha! P. (menina)

Pode-se perceber que esses dois alunos compreendem que esse tipo de balão, cujo rabicho é formado por bolhas, é utilizado para expressar um pensamento ou, como a aluna P. afirmou, pode também expressar um sonho.

- **Sobre o balão ideia:**

Tem outro que é igual ao que eles estão falando, mas tem uma lâmpada, que significa ideia. R. (menino)

Foi interessante notar que ele trouxe esse conhecimento, mesmo antes de eu mostrar o cartão com esse tipo de balão.

- **Sobre o balão com a onomatopeia “ZZZZZ”:**

Esse é dormindo! (várias crianças exclamando)

Profe! Alguns fazem com o ZZZZZ no balão e outros fazem só o ZZZZZ, sem o balão. M. (menino)

Já durante as explorações das imagens da HQ proposta – cuja história trata sobre a proposta que o coelhinho da Páscoa faz ao Papai Noel de trocarem de função no ano seguinte, por ter passado por maus momentos fugindo da Magali, que queria pegar seus doces – as

crianças fizeram a leitura das mesmas, justificando suas hipóteses a partir dos detalhes que foram apontando. Alguns exemplos dessas leituras:

Dá pra ver que o coelho tá nervoso porque tá saindo uns pinguinhos da testa dele! M. (menino)

O coelho tá saindo de fininho por causa do rastro que ele deixou. R. (menino)

Também porque ele ta caminhando na ponta dos pés! A. (menina)

O coelhinho ta desesperado porque ele ta olhando de um lado pro outro. R. (menino)

Eles desenham duas cabeças pra daí a pessoa entender que ta mexendo. A. (menina)

Profe, quando tem estrelinhas significa que doeu. R. (menino)

Eu acho que ele ta com cara de confuso, sem saber por que o coelho quer trocar com ele os trabalhos. A. (menina)

Eu acho que o Papai Noel tá surpreso, porque dá pra ver nos olhos dele e a boca tá bem pequenininha. G. (menino)

As falas apresentadas indicam que as crianças fizeram as leituras de comportamentos e de sentimentos demonstrados pelos personagens, através da percepção de detalhes nas imagens dos quadrinhos. Outras marcas importantes, como, por exemplo, o movimento da cabeça do personagem, representado pelo duplo desenho da mesma, bem como a representação de dor, através do desenho de estrelinhas, foram observadas nas falas das crianças, demonstrando importantes conhecimentos prévios acerca das HQs. Sobre a importância desses aspectos como os movimentos dos personagens e suas expressões faciais e corporais, afirma Lacerda (2012, p. 66):

Em relação ao movimento dos personagens, por exemplo, como os quadrinhos não são um meio de leitura contínua (como o cinema), cabe ao autor escolher e representar visualmente aquele momento que indica com mais clareza e dramaticidade a ação de seu personagem. Ao mesmo tempo o estado de espírito do personagem deve ser sugerido por meio de sua

expressão facial e corporal. Baseado em sua experiência de vida e em sua memória, o leitor reconhece as poses e os gestos dos personagens e consegue atribuir significado a eles.

4.2 Onde acontece o humor? – a interpretação das histórias em quadrinhos

Na atividade interpretativa, os dados coletados confirmaram as habilidades de leitura e interpretação de HQs demonstradas nas discussões efetivadas na sessão 1 de leitura. A maioria crianças percebeu as marcas de humor nas HQs, mostrou habilidade de interpretar imagens, através da expressão facial e corporal dos personagens e foi capaz de fazer inferências.

A primeira HQ explorada tratava de um jogo de futebol da seleção brasileira que a Mônica, O Cebolinha e o Cascão assistiam e na qual a Mônica batia nos meninos toda vez que o Brasil marcava um gol ou fazia um lance interessante. No fim da história, eles acabam se escondendo da Mônica atrás do sofá. A segunda história tratava da decepção da Mônica, ao perceber que a Magali acaba comendo, no final da história, as melancias que havia plantado, as quais estava tratando com tanto carinho.

Então, nas atividades interpretativas foram encontrados os seguintes resultados:

Questões	Objetivos	Respostas Adequadas	Respostas Incorretas
1	Perceber marcas de humor	16	0
2	Inferir informações implícitas na história	14	2
3	Inferir palavra adequada ao contexto da HQ	16	0
4	Interpretar textos verbal e não verbal	14	2

Fonte: dados da pesquisa.

A questão número 1 questiona por que o humor acontece, e tinha como objetivo perceber essa característica na última vinheta da história. De acordo com os dados da tabela,

nota-se que todas as crianças³ que participaram da atividade acertaram a mesma. Isso mostra que o grupo em estudo é capaz de perceber as marcas de humor nas HQs, o que constitui uma habilidade adquirida ao longo do desenvolvimento das aptidões do leitor, sendo, segundo Cafiero (2010, p. 93), mais complexa do que as de localizar, identificar e apontar, construídas no início do processo, como já foi mencionado anteriormente.

Já a questão 2 objetivou inferir informações implícitas na história, de modo que era preciso que as crianças compreendessem, através da interpretação do texto e também da expressão fisionômica da personagem Mônica, o que ela estava pensando sobre a atitude da Magali. De acordo com a tabela, a maioria das crianças acertou a resposta e um número pequeno, apenas duas delas, não compreendeu a o quadrinho. Talvez esses dois alunos tenham tido dificuldade em fazer uma leitura conjunta dos quadrinhos, ou seja, a sequência das vinhetas ia indicando que a Magali estava cuidando muito bem das melancias, de modo que essa sequência indicava que a resposta seria que ela as estava tratando com carinho. Outra possibilidade é que esses dois alunos tenham tido dificuldade em interpretar a expressão facial da Mônica, o que dificultou a compreensão da questão.

Na terceira questão, cujo objetivo era verificar a capacidade de inferenciação de uma palavra no texto, as crianças deveriam completar o vocábulo que a personagem Mônica começou a dizer. A palavra a ser completada fazia parte da frase: “Vendo você tratar as melancias assim, até parece que elas são suas fi...”. A resposta correta para a questão seria “filhas”, entretanto, não pude desconsiderar o fato de que as crianças estão em processo de alfabetização e, portanto, não poderia esperar que todas elas escrevessem a palavra com a ortografia correta, mesmo sabendo a resposta da questão. Por essa razão, denominei na tabela “respostas adequadas” e não “respostas corretas” porque, nesse caso, a capacidade de inferenciação, que era o objetivo da questão, não dependia somente da escrita da palavra, e, para aquelas crianças cujas respostas foram outras que não a palavra “filhas” escrita corretamente, pedi que lessem para mim o que haviam escrito e todas responderam: filhas.

Das grafias que presentes nas respostas, apareceram as seguintes variações: FLHO, FILILA, FILHIAS, FILIAS (2 alunos), JILAR.

A questão 4 também abordava a leitura de imagem, pois era nesse recurso que o leitor deveria se apoiar para complementar o texto verbal e compreender o sentimento expresso pela personagem Mônica. Conforme os dados da tabela, apenas duas crianças marcaram uma

³ O número total de crianças que participaram da proposta nesse dia foi dezesseis.

resposta diferente da esperada, o que pode ter acontecido, assim como na segunda questão, pela dificuldade de fazer a leitura da imagem.

4.3 As crianças como autoras – a apropriação dos elementos das HQs pelas crianças

A análise das produções textuais possibilitou identificar marcas típicas das HQs nas mesmas. As duas propostas escrita de histórias – a história da bruxinha do livro de Eva Furnari (proposta 1) e a história na qual um personagem de HQ teria vindo à escola (proposta 2) – são exploradas simultaneamente a seguir.

Nas produções escritas da proposta 2, as quais foram totalmente produzidas pelas crianças, ou seja, além das falas dos personagens e dos elementos como os balões, onomatopeias e fala do narrador, as imagens também foram desenhadas por elas e, por isso, houve um maior envolvimento por parte das crianças, que por terem sido as autoras das histórias, demonstraram ainda mais criatividade, que pode ser percebida através da maior riqueza de elementos das HQs, se comparada com a proposta 1.

Destaco uma marca muito interessante relacionada às escolhas dos personagens de gibi que apareceram nas HQs e que me surpreendeu positivamente: embora tenhamos dado ênfase às historinhas da Turma da Mônica nas sessões de leitura durante a pesquisa e, embora a grande maioria dos gibis presentes na sala de aula sejam estas, outros personagens apareceram nas histórias como *Mickey Mouse*, Tio Patinhas, um urso e um super-herói. Certamente a presença desses outros personagens indica que as crianças não apenas conhecem, mas interessam-se por outras historinhas que não somente aquelas do Maurício de Souza e esta é uma importante pista para, por exemplo, planejar futuras práticas pedagógicas relacionadas à leitura.

Início as análises das produções textuais destacando uma característica marcante do gênero, que foi explorada pelo grupo nas sessões de leitura e interpretação de texto, e que apareceu de forma marcante nas histórias das crianças: os balões.

A discussão sobre os diferentes formatos e funções de cada um deles nas HQs possibilitou que as crianças se apropriassem desse elemento para construir suas próprias narrativas.

Pose-se observar, nas figuras abaixo, que os pequenos autores tiveram o cuidado de posicionar os balões próximos aos personagens que estavam falando, pensando ou gritando e os rabichos dos balões foram sempre direcionados para esses personagens. Segundo Iannone e

Iannone (2002, p. 69) “A localização do balão no quadro não obedece a uma regra fixa, mas também não é aleatória. Deve facilitar a leitura, propiciando uma melhor compreensão do conteúdo e da sequência do enredo”.



Figura 12 - Proposta 1: J. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 13 - Proposta 1: G. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

Nos recortes das produções de dois alunos, representados nas figuras 11 e 12, observa-se a presença do balão fala, caracterizado pela linha contínua do seu contorno. Pode-se ainda perceber a presença do balão pensamento na figura 13, cujo rabicho é formado por bolhas. Esse tipo de balão também está presente nas produções 14, 15, 16 e 17, sendo que nas duas últimas as crianças ainda utilizaram outro recurso possível para expressar o pensamento de um personagem: uma imagem que substitui a fala. Para Iannone e Iannone (2001, p. 71):

O conteúdo do balão, quando escrito, pode ser chamado de “texto” e representa o diálogo ou pensamento dos personagens. Além dos conjuntos de palavras, o balão pode trazer sinais, desenhos ou grafemas (símbolos gráficos) como pontos de interrogação, de exclamação e outros.



Figura 14 – Proposta 1: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 15 – Proposta 1: J. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 16 – Proposta 1: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 17 – Proposta 1: R. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

Outro tipo de balão contendo uma imagem é o balão ideia, que também foi frequente na proposta 1; como foi discutido na sessão 1 de leitura de HQs, e, na ocasião, citado pelas crianças, ele é formado pela imagem de uma lâmpada, e aparece tanto no interior de um balão de fala, quanto de pensamento. As produções 18, 19, 20 e 21 ilustram tal elemento:



Figura 18 – Proposta 1: R. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 19 – Proposta 1: F. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

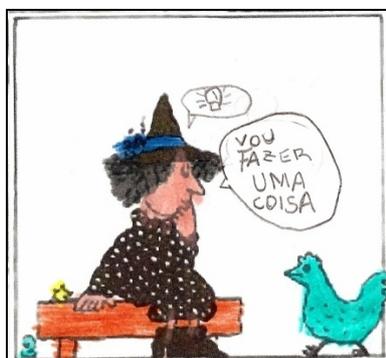


Figura 20 – Proposta 1: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 21 – Proposta 1: M. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

Na figura 20, chamo a atenção para o fato de que a menina, além de utilizar o balão com a lâmpada dentro, diz: “vou fazer uma coisa”, tendo utilizado dois diferentes recursos [verbal e não verbal] para indicar uma ideia.

Outras variações dos balões presentes nas produções analisadas foram os balões grito e cochicho, facilmente identificados pelos contornos característicos: nos quadrinhos 22 e 23 observam-se balões com contornos irregulares ou pontiagudos, indicando gritos: no quadrinho 22, a mãe está chamando, em voz alta, a personagem Magali para tomar café da manhã, e no quadrinho 23 a personagem está deslizado pelo escorregador e grita “HAAAA!” enquanto cai; já a figura 24 apresenta um balão do tipo cochicho, com a linha do contorno pontilhada, indicando que a personagem fala em tom bem baixinho de voz.



Figura 22 – Proposta 2: J. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 23 – Proposta 2: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 24 – Proposta2: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.

As imagens 25 e 26 mostram a utilização dos sinais de interrogação e exclamação simultaneamente no interior dos balões, o que sinaliza que as crianças já compreendem suas funções e já as utilizam corretamente: no exemplo da figura 25, o sinal de interrogação aparece como único conteúdo do balão, indicando que a personagem está questionando o que pode ter acontecido ao ver um ovo embaixo do bule. Já na figura 26, a autora utiliza o sinal de exclamação repetidamente, para reforçar a surpresa da personagem, demonstrada através da expressão “UAU”.



Figura 25 – Proposta 1: M. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 26 – Proposta 1: G. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.

Ainda referindo-me aos balões, na figura 27, observa-se um tipo muito interessante presente na narrativa que a criança produziu: o balão uníssono. Na história, o *Mickey Mouse* visita a escola e, ao cumprimentá-lo, as crianças falam, ao mesmo tempo “Oi, Mickey”. Esta

fala dita por mais de um personagem está, portanto, contida em um balão formado por vários rabichos.



Figura 27 – Proposta 2: G. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

Outro elemento frequente nas HQs, que esteve presente em várias produções escritas foram as onomatopeias. As crianças utilizaram-nas para representar sons ou ruídos específicos, de acordo com as diferentes necessidades das narrativas.



Figura 28 – Proposta 1: M. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 29 – Proposta 1: G. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 30 – Proposta 1: F. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 31 – Proposta 1: G. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 32 – Proposta 2: B. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 33 – Proposta 2: G. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 34 – Proposta 2: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.

Os exemplos acima mostram diferentes tipos de onomatopeias. Na figura 28, a criança utilizou a expressão “TRRIIMM”, quando a personagem utiliza a varinha para realizar uma transformação; já na figura 29, quando ela diz “Apareça uma galinha” a onomatopeia “POF” é utilizada para indicar o surgimento da galinha, sendo que na figura 31, contendo a mesma imagem, a mesma onomatopeia é utilizada.

Na figura 30, para a mesma imagem, a criança utilizou a onomatopeia “BOOM”, que é uma expressão da língua inglesa e que corresponde à expressão “BUM” no português, a qual foi utilizada nas figuras 32 e 33, representando a queda dos personagens. Destaco ainda que, na figura 32, pode-se observar duas estrelas desenhadas em volta do personagem, o que representa dor, provavelmente causada pelo impacto na queda; também as letras maiúsculas e grossas utilizadas para representar a onomatopeia indicam, segundo Ramos (2009), uma ênfase dada pelo autor à determinada palavra.

Na figura 34 a autora me informou que a onomatopeia “TRIIIMM” indica o som da campainha da escola, que a personagem visitante acabou de tocar.

As características das HQs presentes nas histórias produzidas pelas crianças chamaram muito minha atenção, especialmente por demonstrarem grande variedade desses elementos nas suas escritas. Isso foi possível, porque a riqueza dos elementos explorados durante a pesquisa possibilitou que as crianças autoras se apropriassem deles, podendo inseri-los em suas HQs com muita criatividade.

As marcas de humor também se fizeram presentes nas histórias, e esta é uma característica importante das HQs, que conforme mencionado anteriormente neste trabalho,

levam o leitor ao riso por causar nele surpresa em uma situação geralmente reservada para o final da história.

Alguns exemplos dessas marcas de humor:



Figura 35 – Proposta 1: A. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 36 – Proposta 2: D. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 37 – Proposta 2: F. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

A figura 35 mostra uma sequência na qual a menina fez uso do humor não apenas na fala da personagem, mas ousou provocar o riso no leitor, através da representação imagética, que revela seu pensamento: “uma varinha mais uma galinha é igual a um bule, que é igual a uma omelete!”. A aluna me convidou a ler com ela sua história: “Profê, quer ver por que a minha história é engraçada? É que a gente pensa que a bruxinha vai fazer um café, mas no final tem uma surpresa, daí a bruxinha diz que vai ter que fazer mais do que um café, entendeu, profê? Ela vai ter que fazer uma omelete porque apareceu o ovo!”

A surpresa a que a menina se refere é justamente o humor que aparece no último quadrinho nas HQs. Também, observa-se que a piada está de certa forma implícita no texto, já que a personagem diz que terá de fazer mais que um café, mas não deixa explícito o quê.

As figuras 36 e 37 também mostram o humor no último quadro, quando, na vigésima quinta, o personagem escorrega em uma casca de banana e cai no chão e na outra produção o personagem, que é um super-herói, surpreende o leitor ao sair voando de uma árvore após gritar: “Ao infinito e além” e, em seguida, cair no chão, marcando um fato inesperado que leva o leitor ao riso.

A legenda, correspondente à narrativa da história sendo contada pelo narrador, também esteve presente em algumas produções textuais, como se observa nos exemplos abaixo:

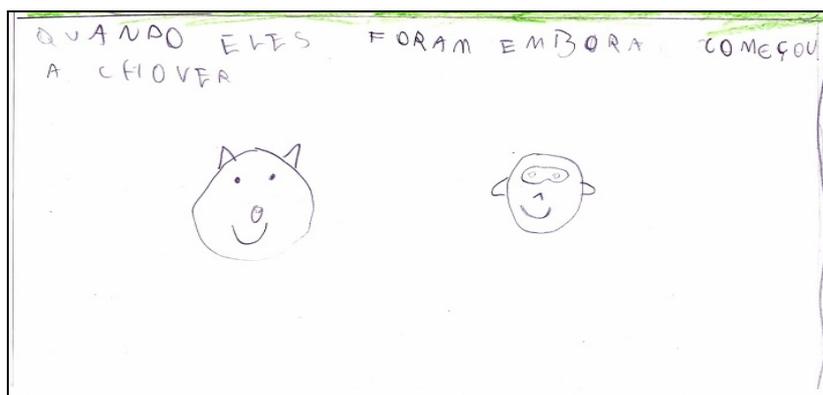


Figura 38 – Proposta 2: J. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.



Figura 39 – Proposta 2: B. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.

Observa-se que, na figura 38, a legenda informa a sequência da história: “Quando eles foram embora, começou a chover”; na figura 39 a legenda está sendo utilizada para iniciar a narrativa: “Uma pessoa de histórias em quadrinhos foi à escola”. Para Lacerda (2012) a legenda, que dá voz ao narrador, pode tanto ser distante do texto como no exemplo da figura 38: “Quando eles foram embora começou a chover”, quanto haver envolvimento do narrador com a história, como no caso da figura 39: “Uma pessoa de histórias em quadrinhos foi à escola”, na qual o narrador é um dos personagens e está contando o que aconteceu na narrativa onde ele é um dos personagens – um aluno da escola.

Pode-se observar, também, que na figura 38 a autora destaca os rostos, deixando o cenário de lado; talvez ela tenha objetivado enfatizar a expressão facial dos personagens, o que segundo Iannone e Iannone (2002) é um recurso semelhante a uma lente *zoom* como no cinema ou na fotografia, para destacar uma figura ou mostrar uma visão geral da cena.

Destaco um elemento linguístico interessante presente em uma das produções textuais em que o aluno, criativamente, produziu uma história na qual o personagem que visita a escola é o Cebolinha da Turma da Mônica. É muito interessante observar que o autor da história teve o cuidado de utilizar a característica do personagem, que é trocar o “R” pelo “L” na fala.

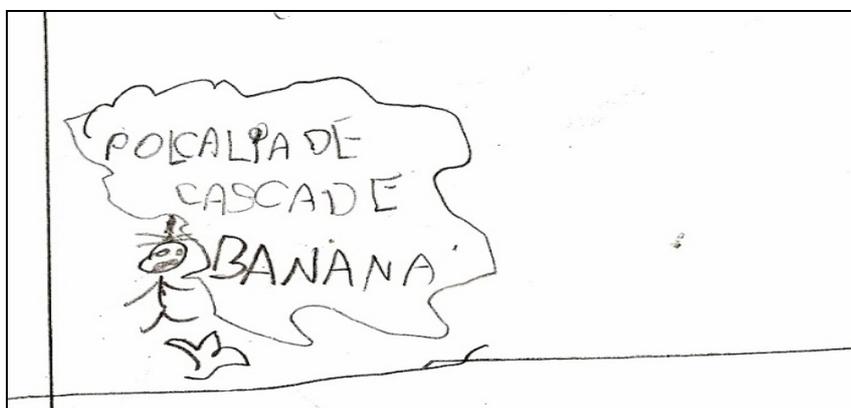


Figura 40 – Proposta 2: G. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

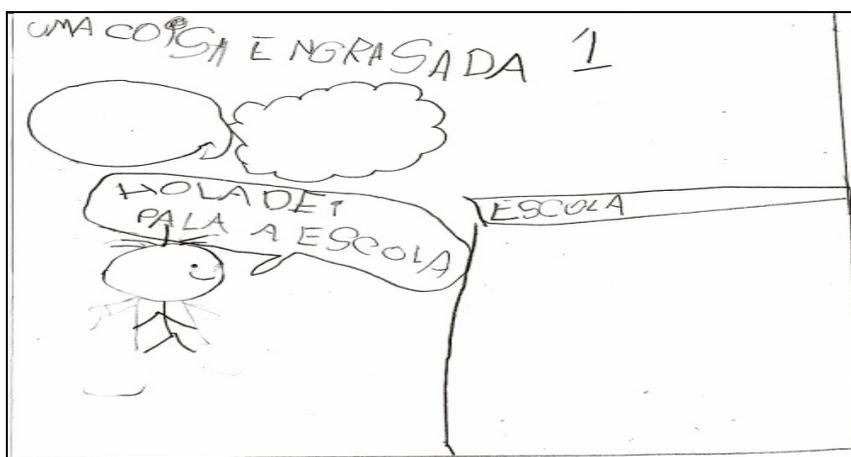


Figura 41 – Proposta 2: G. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.

Nas figuras 40 e 41, a fala do personagem Cebolinha é marcada pelas seguintes frases: “Polcalia de casca de banana.” e “*Hola de i pala a escola*”. Esse elemento utilizado pelo menino possibilitou a criação de uma história de maneira criativa e de certa forma lúdica, uma vez que o autor se apropriou dessa característica do personagem, para criar uma marca de humor, o que pode ser percebido a cada quadrinho produzido que ele me mostrava, rindo da própria história.

As figuras 42 e 43 foram recortadas de produções de dois alunos que ainda estão nos níveis iniciais de alfabetização e, assim sendo, produziram suas histórias apoiados muito mais nas imagens do que no texto verbal. Eisner (2010, p. 10) afirma que “É possível contar uma história apenas através de imagens, sem a ajuda de palavras”. Na figura 43 percebe-se que os balões são pequenos e há em seu interior apenas letras ou palavras, como “A” ou “OI”.

Destaco a importância desse gênero textual como uma ferramenta no processo do desenvolvimento da escrita e da leitura, uma vez que o trabalho com o mesmo não exclui as crianças que ainda estão se alfabetizando, mas possibilita que esses alunos tornem-se autores de uma história que são capazes de narrar, através da produção imagética acompanhada de poucas ou, em alguns casos, nenhuma palavra escrita.

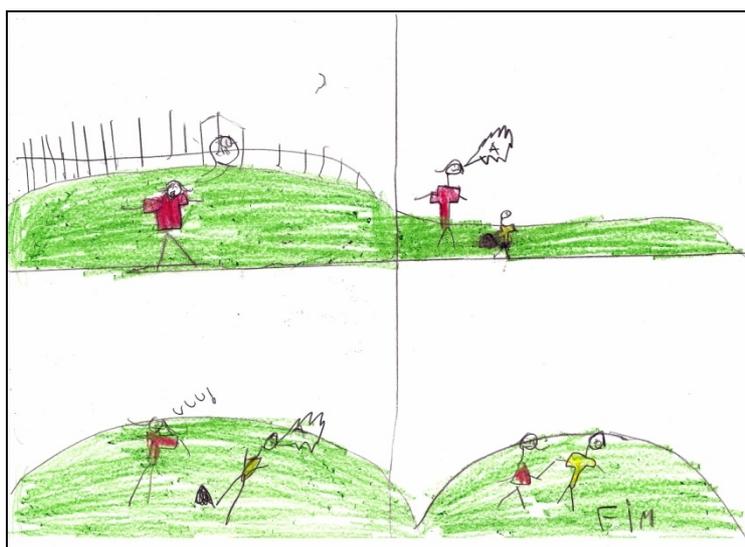


Figura 42 – Proposta 2: M. (menino)

Fonte: escaneamento da produção do aluno.



Figura 43 – Proposta 2: P. (menina)

Fonte: escaneamento da produção da aluna.

Observa-se, nos quadros acima, que há uma preocupação dos autores com a sequência das imagens, para que a compreensão das narrativas pelo leitor possa ser garantida, ou seja, em ambas as produções, nota-se que o cenário formado pelo chão, pelo sol e pelas nuvens se repete nas vinhetas e que também os personagens e suas características como as cores das roupas são cuidadosamente repetidas nos quadros, o que indica que o autor tem consciência de que a narrativa se dá pela ligação entre um quadrinho e outro. Com relação a esse movimento originado pela sequência das imagens na narrativa, Ramos (2009, p. 107) afirma que os personagens “funcionam como bússolas na trama: são a referência para orientar o leitor sobre o rumo da história”.

5 IMPLICAÇÕES DOS “ACHADOS” DO ESTUDO

A pesquisa enriqueceu-me enormemente como educadora, pois, através da mesma, pude ampliar meus conhecimentos não apenas sobre as histórias em quadrinhos, mas perceber marcas importantes que apareceram durante as experiências das crianças com as mesmas, pistas que me levaram a refletir, sob a luz da teoria estudada, a respeito das contribuições desse gênero no processo de aquisição da leitura e da escrita durante o processo de alfabetização.

Esse gênero textual, hoje preconizado pelos PCNs, mostrou-se, através dos achados da investigação, uma ferramenta expressiva na alfabetização, quando inserida nas práticas de leitura planejadas durante a pesquisa. As crianças, que se encontram em diferentes níveis de escrita e de leitura, puderam construir narrativas através das HQs, ao perceberem que, além do texto verbal, parte do sentido das histórias desse gênero textual está nas imagens através da construção da linguagem corporal dos personagens.

A elaboração consistente de tais práticas de leitura e também de produção textual depende de ações pedagógicas pautadas:

- No estudo sobre o gênero textual escolhido: é fundamental que o professor aprofunde seus conhecimentos acerca do gênero textual abordado em suas práticas para, assim, poder traçar objetivos;
- Na seleção adequada de textos: é preciso que a proposta a ser abordada com o grupo seja de interesse do mesmo, que o professor selecione HQs de acordo com as experiências de leitura das crianças; no caso do presente estudo, o grupo sempre mostrou grande interesse pelos gibis da Turma da Mônica e, portanto, demonstrou conhecimentos prévios acerca dos personagens, o que contribuiu para o sucesso do trabalho;
- Na análise efetiva das interações de leitura orais e escritas [identificação de predições e inferências pelos leitores], bem como na identificação das marcas do gênero nas produções escritas: para isso é importante que as práticas de leitura sejam bem planejadas pelo professor, de modo que ele utilize variadas ferramentas que possibilitem análises das falas [gravador de voz], das habilidades de interpretação textual [propostas de atividades escritas] e das marcas do gênero nas produções escritas dos pequenos autores.

REFERÊNCIAS

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos in: **Língua Portuguesa : ensino fundamental. Coleção Explorando o Ensino** / Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo . - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p. : il.; v. 19, P. 85 - 106

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial – Princípios e práticas do lendário cartunista**. 4ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FURNARI, Eva. **A bruxinha encantadora e seu secreto admirador, Gregório**. São Paulo: Paulinas, 1983.

GOODMAN, Kenneth S. o processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, Emília; PALÁCIO, Margarita Gomes (coord). **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O Mundo das Histórias em quadrinhos**. Coleção desafios. São Paulo: Moderna, 2002.

LACERDA, Vitor Amaro. Linguagem e leitura no mundo dos quadrinhos. **Revista Educação: Literatura Infantil**, São Paulo, p.62-73, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

POSSENTI, Sírio. O humor e a língua. **Ciência Hoje**, v. 30, n. 176, p.72-74, out. 01. Disponível em: <<http://www.das.ufsc.br/~francisco/varios/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>>. Acesso em: 9 out. 12.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. As marcas da palavra e da ilustração. **Revista Educação: Literatura Infantil**, São Paulo, p.26-37, 2012.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REZENDE, Luciana Aparecida de; SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos. Leitura e Educação – Representações da Inclusão Social na Obra de Maurício de Souza. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê palavra e imagem**. nº 44, p. 255-276, 2012.

SOUSA, Mauricio de. **Portal da turma da Mônica**. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em: 12 out. 12.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006. P. 31-64.

APÊNDICE A – Proposta para o Encontro 1 – Sessão de leitura de HQ

Objetivos: Explorar com o grupo de crianças, a partir de HQ selecionada, elementos que constituem esse gênero textual, como os tipos de balões (fala, pensamento, cochicho, grito), onomatopeias, tipo de fonte utilizada nos balões, através da leitura em grupo da mesma. Fazer a gravação de voz das discussões.

Procedimentos: fazer a leitura da uma história em quadrinhos, explorando seus elementos (tipos de balões, onomatopeias etc.) oralmente com as crianças. Discutir marcas de humor e chaves de interpretação: palavra e imagem. Cada criança recebe uma cópia da HQ.

Motivação prévia: Ver o que sabem sobre Maurício de Sousa – levar informações sobre o autor, onde mora, nomes dos seus personagens, como são.

Explorar os diferentes tipos de balões: cochicho, grito e onomatopeias (a professora lê em voz alta e o grupo acompanha a leitura);

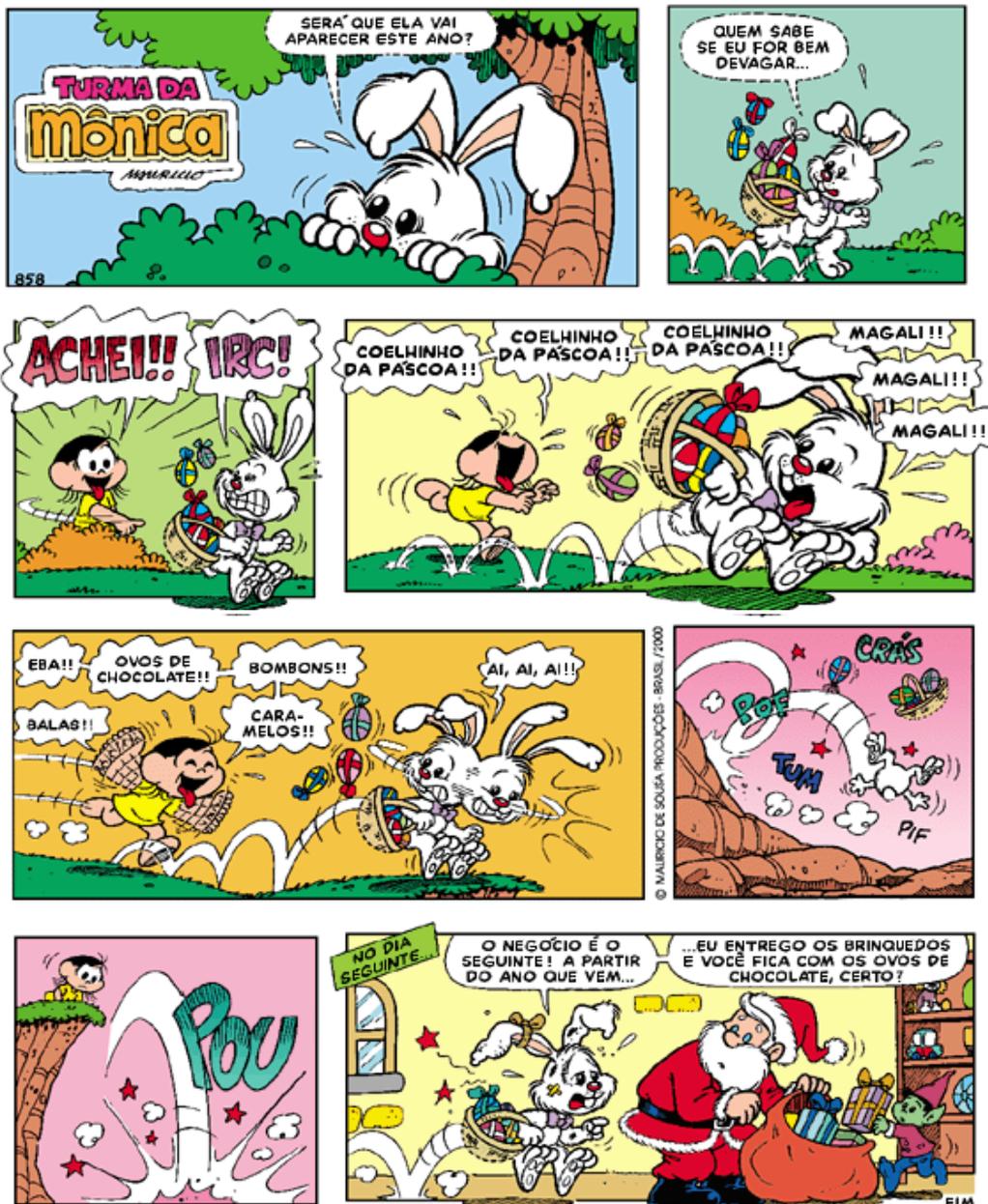
Explorar tipo de fonte (letra maiúscula);

Explorar texto narrador.

APÊNDICE B – Folha com a HQ da sessão 1

NOME: _____

VAMOS LER JUNTOS ESTA HISTÓRIA EM QUADRINHOS?



APÊNDICE C – Proposta para o Encontro 2 – Sessão de leitura e interpretação de HQ.

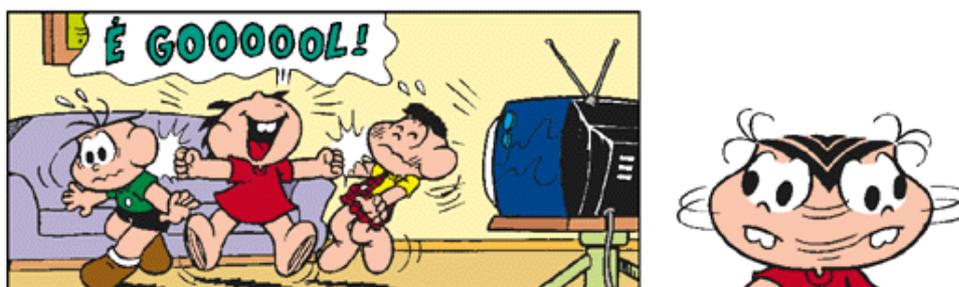
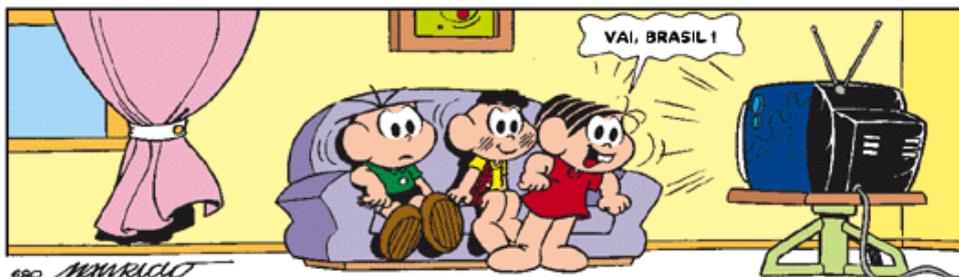
Objetivos: Perceber a capacidade de interpretação de imagens e de texto verbal pelas crianças;

Verificar a habilidade de percepção das marcas de humor no gênero textual HQ pelas crianças.

Procedimentos: propor ao grupo a leitura em grupo de duas HQs e a realização de exercícios escritos individuais de interpretação relacionados às mesmas. Cada criança recebe uma folha contendo as histórias e uma com as atividades de interpretação.

APÊNDICE D – Folhas com as HQs e as atividades de interpretação

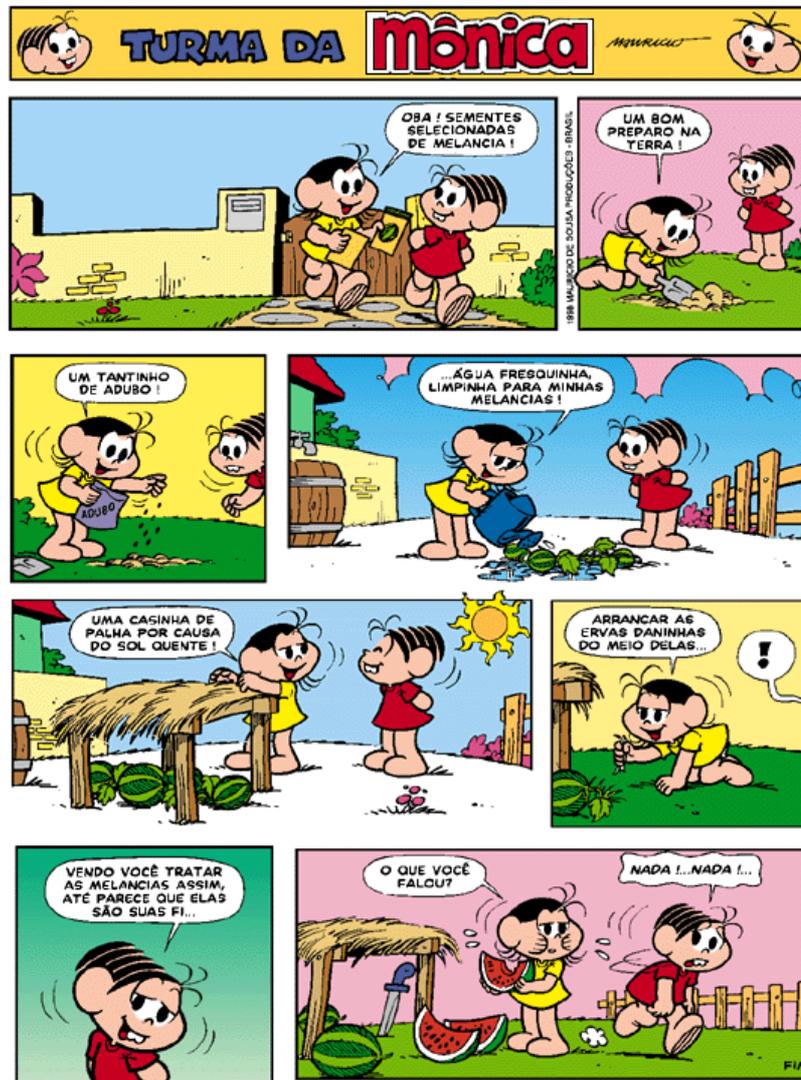
NOME DO ALUNO: _____



O HUMOR ACONTECE PORQUÊ:

- () O CASÇÃO E O CEBOLINHA SÃO GRANDES TORCEDORES.
- () O CASÇÃO E O CEBOLINHA SE ESCONDERAM COM MEDO DA MÔNICA.
- () O CASÇÃO E O CEBOLINHA SE ESCONDERAM PORQUE NÃO GOSTAM DE JOGO.

NOME: _____



COMO A MÔNICA ACHOU QUE A MAGALI ESTAVA TRATANDO AS MELANCIAS?

- () SEM CUIDADO.
- () COM RAIVA.
- () COM CARINHO.
- () SEM DAR MUITA ATENÇÃO.

QUE PALAVRA TU ACHAS QUE A MÔNICA IA DIZER NO QUADRINHO 7, QUANDO ELA DISSE "FI..." ? _____

NO FIM DA HISTÓRIA, A MÔNICA PARECE ESTAR:

- () FELIZ
- () CURIOSA
- () DECEPCIONADA
- () FURIOSA

APÊNDICE E – Proposta para o Encontro 3 – Produções textuais de HQs

Encontro 3 – Sessão de produção escrita de HQ

Objetivos: Propiciar a produção textual de HQ a partir de imagens (previamente selecionadas) na qual os autores produzem o texto verbal; propiciar a produção de HQ, de textos verbal e visual, para que seja possível destacar e analisar as marcas desse gênero textual nas produções das crianças.

Procedimentos: propor a produção do texto verbal de uma HQ, a partir de imagens da história da Bruxinha de Eva Furnari; cada criança recebe uma cópia da sequência de imagens e deve produzir o texto verbal;

Propor a produção de uma HQ (imagens e texto verbal) a partir do seguinte início da história:

Um personagem de Hq veio na minha escola. Foi muito engraçado o que aconteceu!

APÊNDICE F – Folha com a proposta de escrita de HQ a partir de imagens.

NOME: _____

ESCREVA A HISTÓRIA EM QUADRINHOS SOBRE A BRUXINHA:

A bruxinha



Eva Furnari. *A bruxinha encantadora e seu secreto admirador*, Gregório. São Paulo, Editora Ática.

ANEXO A – Termo de Consentimento Informado enviado aos responsáveis pelos alunos



Universidade Federal do Rio grande do Sul

Faculdade de Educação

Senhores pais e/ou responsáveis,

Estou realizando meu Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, tenho por objetivo **analisar como as Histórias em quadrinhos e gibis podem funcionar como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização e na formação do leitor em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental** da Escola General Daltro Filho (a mesma turma em que fiz estágio em 2012/1).

O referido trabalho é realizado por mim, Tanise Viero, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS e orientado pela professora Dr^a Maria Isabel Dalla Zen.

Além da concordância da escola e da professora, a colaboração com o estudo implicará a autorização dos responsáveis pelas crianças. Esta concordância implicará a participação dos alunos em três encontros de 1h30min com aulas de leitura e de escrita de uma história em quadrinhos. As atividades de interpretação e as histórias produzidas pelos estudantes serão analisadas pela pesquisadora.

Informo que **não serão utilizadas imagens das crianças, apenas serão realizadas gravações de voz das mesmas, para transcrições de suas narrativas orais. A identidade dos alunos e da escola será preservada**, no intuito de garantir a ética desta pesquisa.

Atenciosamente,

Nome do aluno:

Tanise Viero.

Autorizo:

Assinatura do(a) responsável.

Porto Alegre, Outubro de 2012

ANEXO B – Termo de Consentimento Informado enviado à Instituição de Ensino

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O consentimento em participar desta pesquisa por parte dos envolvidos (direção da escola, professora regente da turma e alunos/as do Ensino Fundamental) implica o compromisso da pesquisadora responsável pela mesma preservar a identidade dos/as participantes, garantindo que as informações utilizadas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - em trabalhos apresentados em eventos acadêmicos e em textos publicados, como decorrência do estudo realizado - *terão sua privacidade respeitada*. Os participantes (direção da escola, professora regente e responsáveis pelos alunos) deram seu consentimento prévio, através de preenchimento do Termo de Consentimento Informado. Tal formulário foi apresentado aos participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa, a partir de uma exposição sobre o objetivo central do trabalho: **analisar como as Histórias em quadrinhos e gibis podem funcionar como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização e na formação do leitor em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental**. Aceita a participação no estudo, a escola e a professora permitiram a realização de práticas pedagógicas de leitura em sala de aula (três encontros de aproximadamente 1 hora e 30 minutos) e colocaram à disposição da pesquisadora atividades de escrita de uma história em quadrinhos e uma de interpretação de texto produzidas pelos estudantes, com o objetivo de coleta de dados.

Trabalho de Conclusão de Curso

Acadêmica responsável: Tanise Viero

Orientadora: Professora Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen

Foco do estudo: Histórias em quadrinhos como ferramenta no processo de alfabetização e na formação do leitor.

O estudo tem por objetivo analisar como as Histórias em quadrinhos e gibis podem funcionar como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização e na formação do leitor em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental. Após consultar a direção da Escola Estadual Daltro Filho onde atuo como docente em uma turma de 2º ano, bem como os responsáveis pelos alunos, dou meu consentimento em participar deste estudo, sob a responsabilidade da acadêmica Tanise Viero e sob orientação da Professora Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen. Autorizo a utilização das informações extraídas das sessões de trabalho pedagógico em minha turma, desde que os nomes dos participantes (professora, escola e alunos) sejam mantidos em anonimato.

Nome e assinatura da Professora

Confirmo o consentimento (Direção da Escola):

Obs. Os responsáveis pelos alunos foram informados sobre o estudo através de correspondência contendo o objetivo do mesmo. Tal correspondência veio assinada confirmando o consentimento para a realização da pesquisa.